

## **PRECONCEITOS E PRÁTICAS DE VIOLÊNCIAS CONTRA JOVENS LGBT's EM ESCOLAS PÚBLICAS DE TERESINA – PI: É POSSÍVEL DESCONSTRUÍ-LAS E SUPERÁ-LAS?**

Ana Paula Barbosa Teixeira (ICV/UFPI)

Email: [ani\\_paula02@hotmail.com](mailto:ani_paula02@hotmail.com)

Keyla Suellen Alves de Araújo (ICV/UFPI)

Email: [key\\_la\\_l@hotmail.com](mailto:key_la_l@hotmail.com)

Vanessa Stefanne Bastos Marques

Email: [nessasbmarques@hotmail.com](mailto:nessasbmarques@hotmail.com)

### **RESUMO**

O texto apresenta recortes de uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento que tem como objetivo analisar as manifestações de práticas homofóbicas contra jovens mulheres e jovens homens homossexuais praticadas em 02 (dois) espaços escolares públicos de Teresina – PI. Visto que a sexualidade no espaço escolar vem tomando grandes proporções tornando-se uma questão polêmica considerando a multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores e atrizes sociais – alunos/as, pais, mães, professores/as e diretores/as, entre outros/as, assim como tabus e preconceitos relacionados. Dessa forma, a temática vem sendo progressivamente discutida por autores/as como Aquino (1997), Borrillo (2001), Louro (1999), Lionço e Diniz (2009), Junqueira (2009) dentre outros/as que a consideram como um tema complexo, necessitando de uma abordagem interdisciplinar a ser investigada. A pesquisa configura-se como um estudo de natureza qualitativa com uso do grupo focal como técnica. A mesma teve início em agosto de 2011 com previsão de término em novembro de 2012, onde como universo de estudo foram escolhidos 02 estabelecimentos de ensino da rede estadual situados na zona Sudeste de Teresina-PI com participação de 12 estudantes de cada instituição. O estudo num primeiro momento configurou-se numa espécie de “garimpagem” bibliográfica, para que se pudesse compreender melhor como o fenômeno da homofobia e suas implicações no contexto escolar em estudos precedentes vem sendo tratado considerando dessa forma, a instituição escola como detentora de um papel social que a responsabiliza pela construção da cidadania e assim, trabalhando na perspectiva de respeito aos Direitos Humanos.

**Palavras Chave:** Educação. Juventudes. Homofobia.

O presente artigo trata-se de um relato de uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento, que tem como objetivo analisar as manifestações de práticas homofóbicas contra jovens mulheres e jovens homens homossexuais praticadas em 02 (dois) espaços escolares públicos de Teresina – PI. Visto que a sexualidade no espaço escolar vem tomando grandes proporções tornando-se uma questão polêmica, considerando a multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores e atrizes sociais – alunos/as, pais, mães, professores/as e diretores/as, entre outros/as, assim como tabus e preconceitos relacionados.

Dessa forma, a temática vem sendo progressivamente discutida por autores/as como Aquino (1997), Borrillo (2001), Louro (1999), Lionço e Diniz (2009), Junqueira (2009) dentre outros/as que a consideram como um tema complexo, necessitando de uma abordagem interdisciplinar a ser investigada.

Ao ser não apenas consentida, mas também ensinada, a homofobia adquire nítidos contornos institucionais, tornando indispensáveis pesquisas que nos permitam conhecer a fundo as dinâmicas de sua produção e reprodução nas escolas, bem como os seus efeitos nas trajetórias escolares e nas vidas de todas as pessoas LGBT's.

Enfatizando o quão importante é o papel da escola e dos/as profissionais da área da educação no enfrentamento das formas de produção do sofrimento psíquico e social dos/as jovens não heterossexuais, sobre os quais, a carga discriminatória e os padrões normativos acabam por desencadear atitudes desrespeitosas, posto que no imaginário coletivo, a homossexualidade está atrelada ao erotismo, exotismo e perversão. (LOURO, 1999).

Observando essa realidade podemos asseverar que é também função da escola, de acordo com alguns/algumas teóricos/as, dessexualizar o papel social destes grupos, pois antes da orientação sexual, que é inerente a cada pessoa, deve-se considerar as visões dos/as jovens não heterossexuais, enquanto sujeitos políticos, e, portanto, merecedores/as de reconhecimento e respeito às suas posições.

Analisando este cenário propomos uma pesquisa que busque investigar de que forma as juventudes e as homossexualidades convivem na ambiência escolar. Tendo como objetivos: a) Identificar práticas homofóbicas contra jovens mulheres e jovens homens homossexuais de 02 (duas) escolas públicas de Teresina- PI; b) Compreender os fatores que contribuem para as práticas de violências contra jovens homossexuais; c) Conhecer práticas pedagógicas que já vem sendo desenvolvida nas escolas na qual esta pesquisa vai ser realizada.

A referida pesquisa surgiu a partir das experiências vivenciadas nas pesquisas do Observatório de Juventudes, Culturas de Paz e Violências na Escola, vinculado ao Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí, desenvolve trabalhos objetivando conhecer e desenvolver vivências de Cultura de Paz entre os Jovens, nos mais diversos espaços de socialização, em combate às violências.

É importante evidenciar que a presente pesquisa iniciou em agosto de 2011 com previsão de término em novembro de 2012. Como universo de estudo foram escolhidos

02 estabelecimentos de ensino da rede estadual situados na zona Sudeste de Teresina-PI. A referida pesquisa terá a participação de 12 estudantes de cada instituição.

Para melhor compreensão e organização didática, este artigo foi dividido em dois tópicos: o primeiro “Compreendendo a homofobia”; e o segundo “Homofobia: o que a escola tem haver com isso?”. Na terceira parte será compartilhada as considerações parciais do estudo bibliográfico.

## **COMPREENDENDO A HOMOFOBIA**

Para conceituar o termo homofobia nos dias atuais, é necessário que seja feito um breve retrospecto sobre a sua história, por mais que as informações sobre como e onde se iniciaram discussões e pesquisas sobre a homofobia sejam escassas. Segundo Borrilo (2009) o termo “homofobia” foi utilizado inicialmente nos Estados Unidos no ano de 1971, no entanto apenas nos anos de 1990 o termo passou a fazer parte dos dicionários europeus. Pode-se perceber que estudos sobre a homofobia em si são recentes, por mais que práticas homofóbicas venham sendo cometidas há tempos, apesar de receber nomenclaturas diferenciadas, onde era comum rotular indivíduos que tinham relações com sujeitos do mesmo sexo, considerando-os como doentes e até possuidores de forças ocultas. (LIONÇO E DINIZ, 2009).

Neste sentido Prado e Machado (2008, p. 12) afirmam que tais pensamentos existem por que

Em nossa sociedade, a não heterossexualidade foi gradativamente condenada pelo discurso hegemônico, que, influenciado pelo discurso religioso e médico-científico, legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram à discriminação negativa e à punição de diversos comportamentos sexuais, sob a acusação de crime, pecado ou doença.

A heterossexualidade é considerada pela maioria da sociedade como a única pratica sexual condizente com a normalidade, sendo aceitável apenas os relacionamentos entre indivíduos do sexo oposto, e que seja respeitada as características biológicas de cada ser. Os indivíduos que não agem conforme a “normalidade” exigida pela sociedade são vistos pelos demais como causadores da desordem social. Isso pode ser confirmado pela seguinte colocação: “A homofobia se dirige não somente aos

homossexuais, mais também ao conjunto de indivíduos considerados desconformes à norma sexual.” Borrilo (2009).

A homofobia é, portanto, uma prática de rejeição irracional e de atitudes de hostilidade contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros<sup>1</sup> podendo está implícita em piadas que ridicularizam o indivíduo por suas características, além de revestir-se também de formas mais brutais como agressões e homicídios, não devendo ser restrita a apenas esses elementos, pois é uma temática complexa e que precisa ser discutida nos mais diversos contextos sociais.

Diante da extensão desse termo, Borrilo (2009) faz uma distinção entre homofobia geral e homofobia específica.

A homofobia geral não é nada mais que uma manifestação do sexismo, ou seja, a discriminação de pessoas em razão de seu sexo (macho/fêmea) e, mais particularmente, de seu gênero (feminino/masculino). [...] A homofobia específica, constitui uma forma de intolerância referente especialmente a gays e lésbicas.

Outras duas formas de homofobia que se manifestam contra homossexuais são a homofobia afetiva ou psicológica que é caracterizada pela condenação da homossexualidade e a homofobia cognitiva ou social que visa à perpetuação da diferença entre homo/hetero. Nessa perspectiva não há uma rejeição direta aos homossexuais, no entanto o fato deste não usufruírem de determinados direitos não é visto como anormal. (BORRILLO, 2009)

A homofobia foi por muito tempo uma temática negada pela sociedade e pelos governantes, pois, pensava-se que não haveria necessidade de elaborar projetos políticos que buscassem a valorização e o reconhecimento de direitos das pessoas homossexuais. Segundo Junqueira (2009) “a recorrente busca de artifícios retóricos para justificar a não adoção de medidas de reconhecimento da diversidade sexual e de enfrentamentos da

---

<sup>1</sup> Lésbicas são mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres; Gays são homens que relaciona afetivo-sexualmente com outros homens; Bissexuais são pessoas que se que relaciona afetivo-sexualmente com outras pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto; Travestis são pessoas que nascem com um sexo biológico, fazem modificação no próprio corpo e desejam apresentar-se com características do sexo oposto ao do nascimento; Transexuais são pessoas que nascem com um sexo biológico e, na maioria das vezes, desejam a readequação corporal através de procedimentos cirúrgicos. Transgêneros são pessoas que ocasionalmente se vestem e se relacionam com a indumentária do sexo oposto.

homofobia” faz com que ainda permeiem ideias equivocadas e preconceituosas contra os/as homossexuais.

Tratar a homofobia no ambiente escolar é ainda mais complexo, no entanto sendo a escola um ambiente de formação de pessoas deve contribuir para a preparação dos/as alunos/as com o intuito de que estes consigam viver sua condição de homossexual de maneira saudável e positiva, todavia na escola não é difícil enxergar situações de hostilidade e rejeição para com homossexuais ou com quaisquer pessoas que não vivam conforme a normalidade social (heterossexualidade), tais situações contribuem para reforçar a ideia de que a heterossexualidade é única forma de sexualidade que deve prevalecer na sociedade. Diante disso a homofobia no contexto escolar será discutida com mais profundidade no tópico que se segue.

### **HOMOFOBIA: O QUE A ESCOLA TEM HAVER COM ISSO?**

A sociedade brasileira vem traçando no andar dos tempos, discussões ligada ao enorme preconceito existente para com a sexualidade humana, dando uma ênfase maior à forma como estes a vivem. No que diz respeito à orientação sexual e identidade de gênero, campo minado de reivindicações de estudiosos da área como também daqueles/as que são vítimas do preconceito, onde buscam através destas, conquistar políticas públicas que tenham por finalidade lutar contra a discriminação e preconceito existente em tais categorias.

No que tange a essa questão da diversidade sexual e a discriminação para os homossexuais a escola como instituição incumbida da formação do cidadão precisa trabalhar tais demandas, pois,

[...] diversas pesquisas e estudos têm apontado a escola como um ambiente de intolerância e violência dirigida a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais é constatado a fragilidade dos/as profissionais de educação para a abordagem educativa da e sobre a sexualidade no espaço escolar, chegando a afirmar que, por muitas vezes, a escola apresenta-se enquanto espaço de produção e reprodução da homofobia. (JOCA, 2011, p. 5).

Vários são os tipos de violências que se manifestam no ambiente escolar, e estas na maioria das ocasiões são sofridas por sujeitos sociais como, mulheres, negros, pobres, deficientes, homossexuais, que sofrem violências sejam elas físicas ou simbólicas pelo simples fato de serem o que são, ou seja, por não atenderem os padrões

heteronormativos que foram construídos culturalmente pela sociedade humana no decorrer da história.

Dentre tais padrões sociais, o texto irá se prender em exclusivo à violência contra os/as homossexuais na escola, violência esta que recebe o nome de homofobia, onde, segundo (LOURO, 2010 p. 28-29), “é o medo voltado contra os/as homossexuais, pode se expressar ainda numa espécie de ‘terror em relação à perda do gênero’, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher ‘reais’ ou ‘autênticos’”.

Ou ainda “uma manifestação perversa e arbitrária da opressão e discriminação de práticas sexuais não-heterossexuais ou de expressões de gênero distintos dos padrões hegemônicos do masculino e do feminino”. (LIONÇO E DINIZ 2009, p. 53).

Existindo inúmeros modos de práticas homofóbicas no contexto escolar, como por exemplo, atos violentos onde o jovem ou criança que tem aversão, chega por vezes a praticar a violência física, demonstrando tamanha raiva que sente por estes/as, outro tipo de violência bastante praticada para com estes jovens homossexuais é a simbólica, onde por meio desta passam a serem alvos de apelidos, xingamentos, dentre outros. Casos como que muitas vezes chegam até a morte, são presenciados diariamente nos meios de comunicação, que nos mostram o descaso que a sociedade vem tratando este fenômeno.

A discriminação homofóbica chega até a escola de várias formas, podendo ser simétrica – entre alunos, jovens da mesma idade ou do mesmo ano – ou assimétrica, vinda de brincadeiras, risos, silêncios ou mesmo da indiferença dos professores ou funcionários da instituição que deveriam educá-los e protegê-los. (BORGES, 2011, p. 23).

Portanto, qualquer prática homofóbica, desde agressões físicas ou simbólicas, o sujeito que as sofre ao ver que nada é feito para lhes ajudar, tanto por parte dos/as professores/as, funcionários/as, acabam por não aguentar tanta discriminação para com seu jeito de ser, e chegam a tomar a decisão de abandonarem a escola, ou melhor dizendo acabam por serem abandonados pela própria escola, criando este sujeito no seu íntimo uma sensação de desconforto, humilhação, exclusão, por não atender os preceitos hegemônicos de ser homem ou de ser mulher na sociedade. Conforme (LOURO, 1997),

A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los a gozações e aos ‘insultos’ dos recreios e dos jogos, fazendo

com que, desse modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos.

Dessa forma, a escola acaba negando o direito que tais alunos/as têm de se sentirem membros daquele espaço, preconceito este que se propaga porque muitos docentes ou até a própria escola não ter conhecimento de como trabalhar tal temática, preferindo fingir que não estão vendo tamanha violência que diariamente atormenta os sujeitos vítimas de tal segregação.

Isso acontece porque a educação ficou muito tempo presa a educação conteudista deixando de lado, os valores humanos, o estudo das diversidades que compõem a sociedade como um todo, ou seja, deixou de preparar seus/suas alunos/as para o que realmente lhes espera fora dos muros das escolas, uma sociedade plural, que em sua maneira legítima que dar como certa a heteronormatividade, ditando a escola como o lugar onde não é permitido, não é aceito pessoas que tenham características homossexuais. (JOCA, 2011).

Vários são os parâmetros normativos que discorrem sobre o papel da educação para a prática de uma educação igualitária, e negação de atitudes discriminatórias que por ventura possam ocorrer dentro do ambiente escolar e conseqüentemente fora dos muros escolares. São elas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Plano Nacional de Direitos Humanos e o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos que se tornam peças fundamentais quando se fala dos direitos as diferenças. (LIONÇO E DINIZ, 2009).

A escola quando discorre sobre a diversidade em sala de aula, esta faz apoiando-se apenas no livro didático que são elaborados de forma a afirmar a heterossexualidade como a maneira correta de se relacionar sexualmente, pois a mesma em seus momentos de discussão com os/as alunos/as apresentam-lhes apenas a forma de reprodução heterossexual, deixando de lado as outras formas de ver a sexualidade, dessa forma, tende a propagar a heterossexualidade como norma a ser seguida, fazendo com que aqueles/as que se identifiquem como sendo homossexual fiquem constrangidos ao se pronunciarem como tais, principalmente os jovens que por estar em um período de formação de suas identidades uma fase confusa e conturbada acabam por não encontrar apoio na família e escola espaços estes que são responsáveis pela formação do cidadão.

Dessa forma, cabe à escola procurar trabalhar formas e possibilidades de inclusão de todos/as em um mesmo espaço de socialização,

A promoção da igualdade como princípio ético para uma sociedade justa deve primar pelo reconhecimento e respeito à diversidade de valores e comportamentos relativos à sexualidade em suas diferentes formas de expressão. Louro (2009, p.12).

A prática do direito à diversidade deve estar pautada na democracia onde todos têm direitos iguais, de se relacionarem como queiram, sejam eles/as hetero ou homossexuais, pois afirmar a diversidade é procurar saber, o porquê da hegemonia de se relacionar sexualmente com o outro de uma única forma aquela que foi construída histórica e culturalmente pela sociedade? E porque não deixar que as pessoas sejam livres, para viver a sua masculinidade e feminilidade como queiram?

Questões como estas é que devem ser trabalhadas pelas principais instituições formadoras em particular a escola por ser um espaço, onde se encontram as diversas formas de ser e agir em sociedade.

Frente a essa ação tão polêmica e complexa de ser aceita pela sociedade, é que vários programas são implantados pelo governo federal, para que o direito de igualdade perante a Lei seja respeitado. Pensando nisso, são ofertados cursos para que professores/as possam com maior autonomia falar sobre tal categoria, por mais que a sociedade rejeite, deve-se pensar que se trabalhando a diversidade sexual em sala de aula, não quer dizer que se está querendo propagar tal manifestação.

Por isso, cabe a escola encontrar meios diversos de se trabalhar tal categoria de forma a não disseminar o preconceito, mas sim que esta possa encontrar meios coerente de lidar com o preconceito, afim de construir sujeitos não sexistas. E poder ajudar no combate a homofobia no Brasil.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo num primeiro momento configurou-se numa espécie de “garimpagem” bibliográfica, quando foi realizada uma visita às principais referências sobre a temática, para que se pudesse compreender melhor como o fenômeno da homofobia e suas implicações no contexto escolar em estudos precedentes vem sendo tratado.

A partir de leituras já mencionadas, tal processo foi imprescindível para ratificar a real importância de se trabalhar a questão da violência contra os/as jovens homossexuais no contexto escolar, visto o grande preconceito que estes/as sofrem neste contexto.

Desse modo, também é sabido que a escola silencia tal fenômeno por vários motivos, por esta se encontrar em uma sociedade marcada pela heteronormatividade que vem culminar na naturalização desta questão, como sendo algo que deve ser seguido como um padrão certo e irrefutável. Outro aspecto que a literatura levanta é sobre a escola invisibilizar tais sujeitos em suas formas de manifestar sua sexualidade, aponta para a falta de formação dos docentes e conseqüentemente a escassez de materiais didáticos que tratem sobre o assunto.

Outras instituições que confabulam neste cenário e que ao mesmo tempo fazem parte dos processos sócio-histórico-cultural de construção da sociedade, e que, portanto, são em parte responsáveis pela desconstrução do preconceito, são além da escola, a família e a própria sociedade.

Portanto, o estudo considera a instituição escola como detentora de um papel social que a responsabiliza pela construção da cidadania e assim, trabalhando na perspectiva de respeito aos Direitos Humanos, neste sentido, é que optou-se neste estudo em investigar a problemática ora explicitada neste contexto. O que não exime as demais instituições supracitadas do seu papel e da intrínseca relação que estabelecem.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: Unesco, 2004.

AQUINO, Júlio. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola*. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Educação e Diversidade Cultural*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BORRILLO, Daniel. *A homofobia*. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. 2009. Brasília: Editora UnB, 2009.

BORGES, Zulmira wlands (Orgs.). Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/ Brasil). *Educar em Revista*, Curitiba, n. 39, p. 21-38, jan/abr, 2011.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. *Gênero e Diversidade Sexual: um glossário*. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JOCA, Alexandre Martins. *Direitos humanos e diversidade sexual: pelo direito à educação e à diversidade na escola*. In: Educação e diversidade sexual. Rio de Janeiro: MEC, 2011.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (organizador). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz; CHAMUSCA, Adelaide; BRANDT, Maria Elisa; HENRIQUES, Ricardo (Orgs). *Gênero e diversidade sexual: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Brasília: MEC, 2007.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. 2009. Brasília: Editora UnB, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, Gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*.3. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MACEDO, Rosa Maria de Almeida; BOMFIM, Maria do Carmo Alves. *Um olhar sobre Juventudes, Escola e Violências*. Expansão, Teresina, 2007.

MELUCCI, Alberto. *Métodos Qualitativos e pesquisa reflexiva*. In: *Por uma Sociologia Reflexiva: Pesquisa Qualitativa e Cultura*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.p. 315-319.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.